

Entrevista de JR para o Jornal de Letras

J. Roberto Whitaker Penteadó

Perguntas de Zora Seljan para J. Roberto Whitaker Penteadó

ZS - De que maneira continua a influência de Monteiro Lobato no Brasil de hoje?

JR - Eis uma pergunta difícil de responder. Comecei minhas pesquisas nos anos 80 e terminei em meados dos 90. As pessoas que, então, tinham de 50 a 60 anos, hoje, estão 10 anos mais velhas, muitas aposentadas - ou mortas. O cerne da minha hipótese era de que os Filhos de Lobato ocupavam posições importantes na sociedade - e queria dizer social e economicamente. Hoje, temos gente na faixa de 40-50 que está na liderança política, por exemplo, como o Garotinho, ou administrativa e econômica, como o Arminio Fraga, que dificilmente terão lido Lobato - se leram - nas condições de completa absorção daquela nossa geração pré-TV. Teria de fazer uma nova pesquisa.

No que se refere, contudo, às aparências e ao conteúdo da imprensa, o Lobato da literatura infantil continua vivo e atuante. A figura histórica, menos - e isso é, em grande parte, culpa de quem praticamente suprimiu as obras de Lobato das estantes das livrarias - basicamente a Brasiliense e os herdeiros do autor, que não conseguiram chegar a um acordo para que ML volte a ser publicado.

ZS - Como influiu a presença de Lobato na televisão para a fixação de sua obra no imaginário infantil?

JR - Disso eu trato no meu livro. A TV contribuiu muito - em especial o Sítio do Picapau Amarelo da Globo, nos anos 70 - mas esvaziou boa parte do conteúdo ideológico, talvez porque estivéssemos ainda no regime militar, que exerceu censuras bobas, como, por exemplo, a proibição do uso e das menções ao pó de pirlimpimpim.

O Sítio do Picapau Amarelo em que minhas filhas viveram, no seu imaginário, não é o mesmo dos livros, em que nós "moramos".

Você poderia imaginar o que essa geração pensaria de Dona Benta e os netos recebendo Dom Quixote e Sancho Pança na varanda, para um café com bolinhos de Tia Nastácia. Pouca coisa de diferente de um dos personagens em polietileno dos desenhos animados japoneses - ou do Harry Potter.

Essa adaptação atual é bastante boa. Vi alguns capítulos e gostei de ver Dona Benta mandando e recebendo e-mails e acessando a internet. Está bem de acordo com a cabeça de Lobato. Mas é pouco para sintonizar, de fato, com a meninada. Os códigos são outros, os issues também. E em todo o mundo da comunicação predomina cada vez mais o entretenimento no lugar da informação.

ZS - Existe um Brasil criado por Lobato? Uma espécie de Brasil antes de Lobato (BAL) e um BDL?

JR - Fora de qualquer dúvida. O Sítio era o céu. O paraíso na Terra. Mas esse paraíso ficava no Brasil - como todos nós sabíamos - em algum lugar perto de Taubaté. Pedrinho saía do Rio de Janeiro e ia para lá de trem e a cavalo. Antes de Lobato, o Brasil era da casa grande e da senzala, dos sobrados, dos mucambos, da floresta imensa, febre amarela e de poucos centros urbanos mal-copiados de Paris e de Lisboa. Ao criar o Sítio, Lobato definiu um ícone permanente para a nossa identidade nacional.

ZS - Haverá, em Lobato, apesar do estilo conciliador de suas narrativas, um espírito também contestador ao que era a sociedade brasileira de seu tempo?

JR - Terei de discordar de você. Nas narrativas infantís, há muita revolução. Nas relações familiares, no tratamento da religião, nas críticas aos políticos e aos governos, em relação ao papel da mulher, até mesmo às multinacionais, que - na época - eram chamados de "trustes". A Chave do Tamanho pode ser uma das maiores obras de crítica social e política de todos os tempos, disfarçada de livro para crianças. Se ML não tivesse escrito mais nada, essa obra sozinha justificaria o seu papel de crítico e de reformador. Não esqueça de que, apenas pelo que contem de desconfortável para a igreja católica, os livros de Lobato foram queimados - concretamente, não simbolicamente - em público, nos anos 40 e 50, em diversas escolas religiosas.

ZS- Pode a República do Pica-Pau Amarelo ser um modelo para um governo democrático num país como o Brasil?

JR - Não só pode, como é o único modelo. Uma boa parte dos nossos problemas institucionais advêm do fato de que o nosso modelo tem oscilado entre a realpolitik das oligarquias - cujas raízes fixam-se na República Velha, no Império e na Colônia - e as organizações políticas contemporâneas dos países mais desenvolvidos da Europa Ocidental e dos EUA. Os contestadores a esse tipo de regime olham - ou olharam - para a Rússia, para a China... Ora, uma característica da República do Pica-pau Amarelo (quem primeiro usou essa expressão foi o André Luiz Vieira de Campos) é a sua diversidade: os membros dessa comunidade são duas senhoras idosas, uma branca, outra negra, um menino, uma menina, uma boneca de pano, um sabugo de milho, um burro, um porco e um rinoceronte. Quase se juntam permanentemente a esse grupo uma vaca, um saci, um negro velho, um anjo caído do céu, um centauro... O que significa isso? A palavra mágica da atualidade, a varinha de condão para a harmonia entre os povos: o convívio da diversidade.

ZS - Seu livro "Os filhos de Lobato" mudou os estudos lobatianos de modo radical. Revendo-o agora, faria modificações ou insertaria novos argumentos no livro?

JR - Na essência, não. Eu gostaria de ter feito mais pesquisas, conversado com mais pessoas, investigado a influência de Lobato em locais mais distantes do Rio e de S.Paulo, onde trabalhei. Mas acho que fui tão longe quanto possível na análise da influência dos conteúdos ideológicos dos textos de Lobato na minha geração (e nas gerações imediatamente contíguas).

E embora não tenha provado - isso seria impossível - acho que encontrei muita evidência de como a leitura de Lobato influenciou a praticamente todos os seus leitores e alterou radicalmente a vida de muitas pessoas.

Sobre o livro, tive de apressar um pouco as coisas para publicá-lo a tempo para o cinquentenário da morte de Lobato, em 1998. Achava que podia haver um movimento de procura maior das obras do autor, o que acabou não acontecendo. O texto original foi minha tese de doutorado na ECO/UFRJ e gostaria de ter podido fazer uma revisão mais apurada. Estava-me preparando para isso, agora, pois a Editora Globo estava fechando o negócio com os herdeiros de lobato e a Brasiliense, mas a crise do grupo - acho - atrapalhou. Quase todo mundo da Editora foi despedida.

Em suma, gostaria, sim, de relançar Os Filhos de Lobato, com uma revisão baseada em tudo o que pude reunir depois de 1997. Estou buscando um editor.

ZS - É a literatura infantil de hoje ligada, ou não, à influência de Lobato?

JR - Meu trabalho de pesquisa acadêmica - que resultou no livro - não se originou na área de literatura, mas sim dos meus estudos de ciência política, no IUPERJ, e em comunicação e cultura, na UFRJ. Quer dizer, tive de estudar e pesquisar muita literatura infantil brasileira estrangeira e sobre literatura infantil, no mundo todo. Mas não me tornei um expert em literatura infantil, nem conheço tudo o que se publica atualmente.

É claro que um gigante da literatura universal, como Lobato, tinha de produzir uma geração de escritores altamente influenciados pelo seu trabalho, Na nossa geração, há três grandes

criadoras de literatura infantil conhecidas como "filhas de Lobato" - Ruth Rocha, Ligia Bojunga, Silvia Orthoff e Ana Maria Machado. Aliás, comprova a qualidade do trabalho brasileiro o fato de que ganhamos duas vezes o prêmio Andersen - que é o mais importante do mundo, na literatura infantil, com as mencionadas Ana Maria Machado e Ligia Bojunga. Hoje, há muitos netos e netas de Lobato criando e editando ótima literatura para crianças; mas eles são também filhos e netos das histórias em quadrinhos, da televisão e até mesmo da internet.

ZS - Existirá, em Lobato, um sonho de "eterna infância encontrei", de que só conservando a "virgindade mental" da criança somos felizes?

JR - Embora Lobato tenha dito isso, muitas vezes, pessoalmente, em sua correspondência e pela boca dos personagens infantis - e veja que Peter Pan é um personagem tão importante para a saga lobatiana, que passa a fazer parte dos assíduos freqüentadores do Sítio - eu não vejo a coisa dessa maneira. No mundo de Lobato, a criança é o leitor, o espectador. A performance é do mundo adulto. Só há duas crianças verdadeiras, entre os personagens fixos - Pedrinho e Narizinho. Todos os demais são gente grande, até idosa, cronologicamente, como Dona Benta, Tia Nastácia, o Quindim e o Burro Falante. Mesmo o Visconde, embora ³fictício², é espelhado no avô de Lobato e nos sábios das academias. Resta a Emília. Mas você mesmo disse - e eu a citei no livro - que se trata de um dos maiores personagens da literatura universal. Assino em baixo. Além de ser o alter ego do próprio Lobato, Emília não tem idade. Ela evoluiu do estado de boneca à transcendência, sem escalas. E em todas as histórias, há "atores convidados" que são, quase sempre, adultos: Péricles, Hércules, Dom Quixote, Hans Staden, La Fontaine - e alguns personagens arquetípicos, como o Saci, a Cuca, o Príncipe Escamado, dona Carochinha, etc. O que a criança representa, no mundo lobatiano, é a preservação da capacidade criativa da imaginação, isso sim, como sabemos hoje, uma qualidade que os "educadores" continuam insistindo em destruir, de todas as formas, nas mentes jovens.

ZS - Numa divisão, feita, no seu livro, entre "histórias fantásticas", "histórias didáticas" e "histórias recontadas", qual delas terá hoje a preferência do leitor infantil?

JR - Aqui estamos, novamente, em terreno minado. Como "literatura", a obra de Lobato está, de um modo geral, datada. O escritor é um homem de sua época e o seu texto - embora exemplar - é "difícil" para o leitor de 6 ou 7 anos, que era quando se começava a ler Lobato, nos anos 30, 40 e mesmo 50.

A obra didática também se tornou antiga - as Invenções, a ciência dos Serões de Dona Benta, a geografia, a aritmética e a gramática - tudo isso mudou muito, há novas técnicas de ensino, novos conceitos... Então, de fato, deverá permanecer boa parte da ficção (que eu não classificaria mais como histórias "fantásticas") e das coisas recontadas, como as lendas brasileiras e universais, as fábulas e outras coisas como o Quixote (ainda hoje usado na Argentina, como introdução ao texto de Cervantes), Hans Staden e Peter Pan. Nesse contexto, não acho mau que haja adaptações - como o Sítio da Globo - para as crianças de menos idade. Os personagens do Sítio têm uma enorme capacidade de entretenimento - são interessantes, engraçados, provocativos - acho, mesmo, muito melhores que os de Disney, que só são vendidos em melhores embalagens. Mas isso não acontece só na literatura infantil.

ZS- Existirá, entre os editores de hoje, um reconhecimento do muito que Lobato fez para tornar possível a realidade editorial que hoje temos?

JR - Nessa área, o trabalho de Lobato foi espetacular. Ele não foi só o primeiro editor brasileiro, mas foi o primeiro empresário de livros a pensar grande. Além disso, seus livros venderam milhões de exemplares, quando uns poucos milhares significavam a consagração para muitos literatos patricios. Embora esse não tenha sido o campo das minhas pesquisas, também vejo muitos dos nossos melhores editores como filhos e netos de Lobato.

ZS- O lobato escritor puro, o contista, o romancista, continua com obra válida no Brasil?

JR - Também não foi esse o enfoque do meu trabalho, embora tenha tido de percorrer toda a obra adulta, em busca de referências para a literatura infantil. Mas é significativo que este Lobato a que V. se refere é menor, tem menos maturidade intelectual - e técnica - do que o escritor de livros infantís. Com exceção do Presidente Negro, uma obra que Lobato escreve para publicar nos Estados Unidos (e teria sido um best-seller, se os editores americanos não tivessem ficado com medo do tema racial), o autor de ficção para adultos encerra sua carreira nos anos 20. A partir da década de 30, até sua morte, em 1948, Lobato só escreveu cartas, textos de tese e jornalísticos para o público adulto. Literatura, só para crianças. Mas, assim mesmo, os especialistas consideram sua obra ficcional como válida e a ele um precursor do modernismo. Urupês é bem anterior a 1922.

ZS - Como vê sua vida de escritor, professor, empresário, no contexto de um espírito lobatiano ainda existente no Brasil? Os netos e talvez bisnetos de Lobato existem hoje?

JR - Ainda não pensei nos bisnetos... São - é claro - os meus netos. Dizem que os pais são responsáveis pela educação dos filhos, transmitem-lhes os valores práticos. E que os avós passam a filosofia. Quem sabe? No meu caso, são ainda muito pequenos. Mas é instigante pensar em como vai ser esse nosso diálogo.

Quanto à minha vida - acho que não foi proposital - mas cresci e me mantenho um ser plural. Uma vez, falando a uma classe de alunos secundaristas, sobre a escolha de profissões, listei no quadro-negro (ou será louza?) quatorze atividades profissionais que exercia ou já havia exercido em algum momento.

Quando o mundo era mais simples, esse tipo de coisa foi chamado de espírito renascentista. O século passado, que foi, de certa forma, o da tecnologia, criou a figura do especialista. Só que ele está saindo de moda. Hoje, é quase impossível agir sobre o mundo sem estar municiado com uma quantidade muito grande e muito diversificada de informações, que se constituem no conhecimento moderno. Até na administração de empresas, já se chegou à conclusão de que não produzem nem fabricam nada em particular, mas são imensas usinas de conhecimento. Como aquela Pail City - lembra? - no texto da Reforma da Natureza. Aqueles homens haviam-se reunido, dentro de um balde, para criar e sistematizar um novo conhecimento para o mundo novo que havia surgido. Quer exemplo mais atual do que esse?

ZS- Pais, signo, que sonhos tem para o futuro?

JR - Você sabe que Lobato morreu relativamente moço para os padrões de hoje, com 66 anos. E, nos últimos anos, ele via o futuro - e mesmo o presente - com certo pessimismo. Talvez seja próprio da idade pensar, às vezes, que, em vez de sonhos, tenho pesadelos. Mas aí, vejo as minhas filhas, os meus netos, o mundo ressurgindo e renascendo em novos prazeres e esperança - e penso como seria bom ter um canal direto" com eles, como teve Lobato com sua obra literária. Uma vez, estava em Portugal, numa pousada do campo, levantei cedo e observei a grama molhada, a natureza, os pássaros agitando-se, cantando, como se fossem novas, suas canções velhíssimas. Aquele novo dia que começava era, de fato, inteiramente novo. Não era requentado, nem passado a limpo. Escrevi um poema sobre essa coisa simples: o mundo renasce a cada dia. Nós é que envelhecemos e passamos. A única coisa eterna é a memória - que também se recria, sempre. Como disse Gibran, num belo poema sobre os filhos, os sonhos do futuro são eles que vão sonhar. Nós podemos ser tema - se assim o desejarmos.

PENTEADO, J. Roberto Whitaker. Entrevista de JR para o Jornal de Letras. **JRWP - J. Roberto Whitaker Penteado**, Rio de Janeiro, out. 2002. Disponível em <http://www.jrwp.com.br/artigos/leartigo.asp?offset=420&ID=115>. Acesso em: 11 mar. 2010.